

# O PROBLEMA DA IDOLATRIA NAS TRADIÇÕES LEGAL E PROFÉTICA: um problema ético-teológico sempre atual

*THE PROBLEM OF IDOLATRY IN LEGAL AND PROPHETIC TRADITIONS:  
an ethical and theological problem always present*

*José Raimundo Rodrigues<sup>(\*)</sup>*

## RESUMO

A proibição da idolatria nas tradições legal e profética tem uma implicação ética. Os Códigos legais de Israel proíbem os ídolos com a finalidade de proteger a comunidade israelita das injustiças e opressões associadas aos deuses oponentes ao Senhor. A fidelidade e santidade do povo estão intimamente vinculadas à rejeição dos ídolos. A tradição profética insiste na coerência entre religião e vida. Dessa forma, rejeitar os ídolos é rejeitar a injustiça que deturpa a vida religiosa. Jeremias e o Dêutero-Isaías, de maneira crítica, interpretam que a prática da idolatria é a causa dos castigos divinos contra o povo eleito. Diante do fascínio dos ídolos, Israel optou por reconhecer que a única imagem de Deus a ser aceita é aquela presente no interior do homem e da mulher, criados à imagem e semelhança do Senhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idolatria. Imagens. Tradição legal. Tradição profética. Ética bíblica.

## ABSTRACT:

*The prohibition of idolatry in the legal and prophetic traditions have an ethical implication. The legal codes forbid the idols of Israel in order to protect the Jewish community of injustices and oppression associated with gods opponents to Lord. The fidelity and holiness of the people are closely linked to the rejection of idols. The prophetic tradition emphasizes the consistency between religion and life. Thus, rejecting the idols is to reject the injustice that distorts the religious life. Jeremiah and Deutero-Isaiah critically interpret the practice of idolatry is the cause of divine punishment against the people elected. Given the fascination of idols, Israel chose to recognize that the only image of God to be accepted that this is within man and woman created in the image and likeness of God.*

**KEYWORDS:** *Idolatry. Images. Legal tradition. Prophetic tradition. Biblical ethics.*

---

<sup>(\*)</sup> Doutorando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia - FAJE; bolsista da CAPES. E-mail: [jrrzenga@yahoo.com.br](mailto:jrrzenga@yahoo.com.br).

## INTRODUÇÃO

Os Sl 115,4-8 e 135,15-18 ridicularizam os ídolos e seus adoradores dizendo:

*Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalparam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e todos os que neles confiam.*

Os dois salmos sugerem uma assimilação da “não-existência”, característica própria dos ídolos, por parte dos seus adoradores. Como num círculo determinista, aquele que adora um ídolo está fadado a ser como ele, ou seja, um nada, fútil lembrança, ser inerte e sem vida.

A crítica aos ídolos acompanha as páginas das Escrituras, nas quais, com frequência, aparecem prescrições que proíbem a adoração e a representação em imagens. Seria este apenas um tema religioso ligado ao culto de Israel a um único Deus? Que implicações essas prescrições têm no conjunto da história de Israel e em sua relação com o tema da ética? Basicamente são estas duas perguntas que desejamos responder. Tomamos as tradições legal e profética e procuramos apresentar o que as proibições relativas à idolatria dizem sobre o aspecto ético de Israel.

Longe das querelas acerca do uso ou não de imagens que, num país como o Brasil, marcam as divergências entre cristãos católicos e os de origem evangélica, propomos compreender a idolatria no seu contexto bíblico como prática religiosa oposta ao verdadeiro Deus. Dessa forma, o tema das imagens está vinculado à infidelidade religiosa. Mais que uma proibição, as prescrições podem ser vistas como um desejo de assegurar um *ethos* israelita em face dos povos circunvizinhos e suas práticas religiosas coniventes com a injustiça.

O tema revela-se atual e necessita ser refletido, não só tendo em vista um maior diálogo ecumênico, mas também como possibilidade de purificação da prática religiosa cristã. Imagens e idolatria são problemas contemporâneos que continuam a ameaçar a fidelidade ao evangelho, cuja grande referência de imagem de Deus é o próprio Jesus, o qual nos ensina o amor ao próximo, de modo particular aos mais necessitados, como reconhecimento de sua presença/imagem viva em nosso meio.

## 1 A PROIBIÇÃO DAS IMAGENS NA TRADIÇÃO LEGAL

Nos textos da chamada tradição legal é proibida a confecção de imagens. Propomos agora analisar as ocorrências dessa norma e sua relação com o tema da ética no contexto do mundo de Israel. Tendo presente que o aspecto legislativo ainda se encontrava num estágio bastante rudimentar, o que essas leis propõem ajuda a compreender a visão israelita de Deus e de seu agir, bem como do “ser” israelita com as práticas que eram esperadas desse membro do povo de Deus.

### 1.1 Ex 20,22-23; 34,17 – PROIBIÇÃO DE IMAGENS NO CÓDIGO DA ALIANÇA

O texto do livro do Êxodo insere-se na grande tradição que objetiva projetar num passado remoto as normas vivenciadas por Israel já organizado e sedentário. Georg Fohrer afirma que o Código da Aliança surge na Palestina durante a monarquia (1982, p.93-94). Essa retroprojeção coloca a fundamentação das normas em vigor na grande manifestação de Deus a Israel, ou seja, na experiência de libertação.

Como um grande tratado que tem sua raiz no evento êxodo e na aliança com Deus, todo o livro do Êxodo propõe uma nova organização social para aquele povo que um dia foi escravo no Egito. A recordação da libertação é elemento imprescindível para a identidade do povo que, além de ser libertado, descobre-se também eleito como nação predileta de Deus. Essa eleição comporta por sua vez um laço de reciprocidade onde ambas as partes, Deus e o povo, são chamados a viver uma relação de fidelidade/aliança. Mais do que um mecanismo de coerção, o pacto de aliança afirma um compromisso de amor entre Deus e seu povo.

Deus revelou-se extremamente solícito e, num gesto de gratuidade, libertou o povo da escravidão (Ex 20,2). Esse Deus que ouviu os clamores de seu povo é um Deus que preza a justiça e não compactua com nenhuma forma de opressão. Inclusive se coloca contra a religião que oprime e agride o ser humano. Aí é que parece se encontrar a razão da norma contra a fabricação de imagens: “Não fareis deuses de prata ao lado de mim, nem deuses de ouro fareis para vós” (Ex 20,23). A proibição soa como reação de Israel diante de religiões que ferem a dignidade do ser humano, permitindo aos camponeses explorados distanciarem-se das práticas cananéias de culto a Baal<sup>1</sup> e outras di-

<sup>1</sup> (Ba'al = senhor, patrão)

vindades, diferenciando-se da prática religiosa da classe dominante de Canaã (PIXLEY, 1987, p.150). Fohrer menciona que a religião cananéia, por exemplo, tinha santuários organizados e imagens das diversas divindades num panteão bastante complexo (1982, p.61-65). Esses mesmos santuários eram utilizados para cultos de fertilidade e prostituição sagrada. Israel, por sua parte, é chamado a confiar somente em YHWH.

Noth (1962, p.163) sublinha o fato de Ex 20,22-23,33 estar inserido entre a narrativa da teofania que dá origem ao Decálogo (Ex 19,1-20,21) e a conclusão da aliança (Ex 24,1-11), dessa forma criando um grande desenvolvimento dos temas apresentados brevemente no Decálogo. Este não é uma “lei morta”, mas sim um compromisso prático para Israel. E a idolatria é a visibilidade de que, ao abandonar o Deus verdadeiro, pouco a pouco, abandonam-se também os preceitos que dizem respeito ao humano.

A proibição da confecção de imagens está relacionada ao verdadeiro culto a ser prestado a YHWH. O autor do texto evoca o próprio YHWH como aquele que apresenta a norma para a comunidade. É também o próprio YHWH quem irá determinar o tipo de culto que deseja ao afirmar o lugar de sua morada (Ex 20,22). Parece ser claro o vínculo estabelecido entre o lugar de Deus, ou seja, os céus, e o lugar de seu culto, a terra. Entre o céu e a terra cabe ao ser humano aproximar-se de Deus por sacrifícios<sup>2</sup>, evitando oferecê-los na presença de alguma imagem da divindade. YHWH apresenta-se como o Senhor de todo o universo, que mantém uma presença viva e constante junto da humanidade, mas que não pode ser apreendido por mãos humanas. Segundo Fohrer (1982, p. 93), “exatamente como o conhecimento de um nome podia dar o poder mágico inicial ao seu portador, assim também a concentração controlável do ‘poder’ numa imagem de Deus podia servir aos propósitos humanos por meio do culto”.

A referência aos céus, como o lugar de onde Deus se comunicou e de onde novamente se comunica com Moisés no v.22, aponta para a imagem de YHWH como o Senhor do Sinai, do alto, da montanha (Ex 19,1-8). É o Deus que se comunica com seu povo por meio de intermediários, no caso, Moisés; mas também pelas forças da natureza. Dos altos céus, controla todos os eventos naturais. É ainda o Deus da tradição exodal, pois a referência a Moisés remete ao texto e a prescrição nele apresentada ao ambiente e contexto da libertação. Libertação que é ameaçada toda vez que se adoram deuses.

---

<sup>2</sup> Os sacrifícios em Israel são sempre de animais, distanciando-se de práticas circunvizinhas onde seres humanos eram imolados.

A distinção entre Criador e criatura também se evidencia. YHWH cria o humano e lhe concede o sopro vivificante; por outro lado, o humano não pode conceder esse sopro a nada que nasce de suas mãos. Reconhecer-se na condição criatural não torna o ser humano inferior, menosprezado ou desprezível, mas sim demarca o território do agir de Deus e o que se espera de suas criaturas. O humano é finito e seu espaço de agir encontra-se no arco de seu nascimento até sua morte, ou seja, no tempo de sua existência terrena, enquanto Deus é eterno e sua ação perdura por todo o sempre. Além disso, a existência humana só é possível porque o próprio Deus lhe concede o dom da vida.

A prescrição não fala de se fazer imagem do próprio YHWH, mas sim de deuses que ficassem ao seu lado. Isso pode indicar que o henoteísmo<sup>3</sup> estava presente num momento primeiro quando surge essa prescrição, a qual, apesar da mudança de contexto religioso, foi preservada como forma de evitar práticas idolátricas. Imagens de deuses feitas de ouro e prata eram comuns no antigo Oriente Próximo e estavam associadas a cultos cananeus e aos de povos dominadores. O não fazer imagens assegura o lugar de YHWH como o único deus verdadeiro e detentor de força inigualável, quando comparado com a fragilidade das divindades esculpidas por mãos humanas.

O Código da Aliança pretende propor uma normatividade prática, possibilitando ao israelita sedentário avaliar sua fidelidade diante de YHWH. O decálogo como tal não se configura como uma lei exterior ou com validade ocasional. É o espelho diante do qual os filhos de Israel tomam consciência da necessidade de manter viva a aliança com YHWH libertador. Se, por um lado, é proibida a confecção de imagens, por outro é como se ficasse explícito o desejo de YHWH de que o humano, criatura amada por excelência, devesse somente “esculpir” em si, no breve tempo de sua existência, a imagem do deus libertador.

A proibição do uso de imagens estabelece também o caráter de liberdade próprio do israelita, que não se coloca como subserviente ao objeto criado por si mesmo, mas outorga sua liberdade a YHWH, pois sabe que dele a recebeu e que ele a assegura. Se os cultos circunvizinhos utilizam imagens, o fazem também como forma de exploração do humano ou como ritual burlesco onde o ser humano vê-se limitado e tolhido pela obra de suas próprias mãos. Renaud (1991, p. 62) salienta que, em Ex 20,23, pode-se fazer uma pequena distinção

<sup>3</sup> Fohrer discorda do uso do termo henoteísmo para a relação religiosa de Israel com YHWH, sugerindo o uso de “monojavismo” ou “monoteísmo prático”. (1982, p.87-88).

acerca da relação e ação própria de cada um dos envolvidos no pacto da Aliança, pois a primeira parte do preceito resguarda o interdito do ponto de vista de Deus, enquanto a segunda diz respeito ao interdito, mas do ponto de vista dos adoradores

Outra passagem no Código da Aliança acerca da idolatria encontra-se em Ex 34,17: “*Não farás para ti deuses fundidos!*”. Dentro do contexto de renovação da aliança, após o episódio de adoração ao bezerro de ouro (Ex 32), a prescrição mencionada coaduna-se com a ordem de destruição das estelas (Ex 34,13). Parece evidente para o autor o perigo de qualquer tipo de idolatria bem como de quaisquer elementos que pudessem dar margem a tal realidade. Portanto, destruir as estelas ou placas memoriais tinha o princípio de evitar que, por engano, alguém as confundisse com ídolos.

Em Ex 34,17, de maneira sumária, sem necessitar de argumentação, estabelece-se novamente a proibição da fabricação de imagens e insiste-se no fato de que YHWH é um deus ciumento que não suporta rivais. O conjunto do chamado decálogo cultural (Ex 34,14-26) evidencia, a partir do v.14, uma reivindicação de YHWH à adoração exclusiva (FOHRER, 1982, p. 207). A norma sobre imagens, em última instância, quer proteger o povo das injustiças e opressões associadas aos ídolos.

## 1.2 DT 12,3; 16,21-22 – DESTRUIÇÃO DE IMAGENS NO CÓDIGO DEUTERONÔMICO

São conhecidas as relações existentes entre o Código Deuteronômico (Dt12-16) e o Código da Aliança (Ex 20,22-23,33), explicitando-se facilmente as semelhanças entre os dois e a dependência do primeiro em relação ao segundo. Porém, uma diferença nos interessa: o Código Deuteronômico não é apresentado como emanado diretamente de Deus, mas sim como uma lei pregada ao povo por Moisés (GARCIA LOPEZ, 1992, p. 40).

Esse fato em si não nega a autoridade da lei, no entanto revela uma dimensão mais social do surgimento das normas e afirma sua vinculação com um personagem de extrema importância para a história de Israel. O papel de Moisés como intermediário não diminui a ligação da Lei com o próprio YHWH. Demonstra a resposta fiel do humano ao amor zeloso de Deus para com seu povo. Moisés figura também como o intermediário do povo em relação a Deus, tendo a função de demonstrar e exigir o caráter prático da lei (RÖMER, 1998, p. 9-10)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Ver também GARCIA LOPEZ, 1992, p.76.

No Código Deuteronômico, não aparece uma prescrição acerca da fabricação de imagens, mas sim uma proposta de destruição das imagens cananéias (Dt 12,3) e uma proibição da edificação de estelas semelhantes às existentes nos santuários cananeus (Dt 16,21-22).

Em Dt 12,3, portanto, deseja-se eliminar todo material relacionado ao culto cananeu. O v.2 menciona a destruição dos lugares onde as nações prestaram culto a seus deuses, sugerindo, como diz Chouraqui (1997, p. 146), pôr fim à pretensa sacralidade dos lugares santos cananeus. A proposta do Código Deuteronômico é a de evitar qualquer vestígio de práticas idolátricas e do que a elas esteve associado. O autor parece conhecer bem o risco, o perigo, de uma possível proximidade com coisas tidas como “santas” por outros povos e suas influências a longo prazo. Com a finalidade de propor uma total fidelidade a YHWH, opta-se então pela completa destruição desses lugares e define-se que será o próprio Deus quem instituirá seu lugar de culto e a forma de ser cultuado (Dt 12,5ss).

Dt 12,3c fala de אֲשֵׁרָהּ (*’āshērā*), ou seja, postes-sagrados ou postes-ídolos, a serem incinerados. Tais estacas sagradas eram quase sempre dedicadas à deusa ugarítica Asherá ou Astarte e relacionavam-se com cultos de fertilidade (CHOURAQUI, 1997, p. 147)<sup>5</sup>. Sendo assim, destruir tais imagens pelo fogo, símbolo também do julgamento e da ira divinas, era uma forma de romper com todo o sincretismo que ameaçava a pureza religiosa do povo de Israel<sup>6</sup>.

Em Dt 12,3d, pede-se para triturar as “estátuas dos deuses”, פְּסִלֵי אֱלֹהִים (*pesīli ’ēlōhīm*). O verbo utilizado, גָּדַע (*gāda’*), exprime a força com que deverão ser exterminadas tais estátuas. É um verbo de origem agrícola que sugere o arrancar pela raiz, cortar rente, extirpar. Quando no tronco verbal *piel*, tem o sentido de arrancar, derrubar e extirpar. Em forma semelhante à de Dt 12,3d, é utilizado em Sr 43,15 como triturar ou esfarelar (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 133).

A tentação de cair na idolatria é grande quando se convive em regiões ou com pessoas que têm crenças distintas. Em Dt 12,29-31 há uma recomendação

<sup>5</sup> Gottwald não vê como objeto das proibições de imagens da divindade as estatuetas femininas encontradas pela arqueologia, pois não haveria o risco de se confundi-las com YHWH. No entanto, no que diz respeito ao texto de Dt, parece-nos que tais imagens poderiam despertar ou reforçar o sincretismo tão criticado pelo Código Deuteronômico. (GOTTWALD, 1986, p. 686).

<sup>6</sup> Alonso Schökel bem salienta, ao comentar Dt 12,1-3, que tal pureza talvez estivesse mais no nível ideal, pois na prática YHWH acabou absorvendo títulos de outras divindades. In: *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

de que, ao tomar posse da terra, o povo zele para evitar a armadilha da imitação das práticas dos povos vizinhos. Mais uma vez fica clara a preocupação com a dignidade da pessoa, pois ao final do texto utiliza-se como argumento o fato de que nos cultos dos outros povos chegou-se até mesmo à imolação de filhos às divindades. Possivelmente, essa última referência diz respeito ao culto a Molek (Lv 18,21; 20,2ss).

O outro texto de Dt, como já mencionado, sugere que não se levantem estelas similares às dos cananeus. Dt 16,21-17,7 apresenta uma série de práticas cultuais a serem evitadas e é nesse quadro ritual que se afirma o quanto YHWH detesta tais estelas ou postes-sagrados. Assim, Dt 16,21-22 é um preceito que introduz a condenação de pessoas idólatras. A temática se amplia para além das imagens e se relaciona com o verbo “servir”, ou seja, critica-se todo aquele que, rompendo a aliança com o Deus verdadeiro, se prostra e se coloca a serviço de ídolos astrais. Possivelmente o texto aponta para um transfundo babilônico com o qual condizem mais os cultos astrais (2Rs 21,3-5; 23,4-5; Jr 8,2; 19,13). O conjunto do texto parece indicar sempre o perigo da opressão: a lembrança dos cananeus, a recordação da Babilônia. Sem dúvida, essas recordações proibitivas se deram em função da atração que tais práticas idolátricas despertavam no povo judeu. Todavia, se a prática de atos similares poderia gerar no povo a ilusão do sincretismo, a total proibição quer denunciar todo tipo de opressão com que essas religiões eram coniventes ou até promotoras.

O grande discurso iniciado no c.12 encerra-se com a fórmula da aliança (Dt 26,16-19), consolidando o que foi exposto por Moisés. (RENDTORFFE, 2004, p. 80). Com tal pacto o Código Deuteronomico fecha-se num círculo que remete novamente ao início do discurso, pois sugere a necessidade do cumprimento de todas as normas apresentadas sem negligenciar nenhuma. É tal fidelidade que corresponde à escolha feita por Deus de ter aquele povo como o seu povo. Pode-se afirmar então que toda a discussão da destruição de imagens de outros deuses está intrinsecamente ligada ao tema da ética, pois é uma evidência da fidelidade ou infidelidade do povo que não deve mais comungar com as situações de injustiça.

### 1.3 LV 19,4; 26,1 – PROIBIÇÃO DE IMAGENS NO CÓDIGO DE SANTIDADE

O Código ou Lei de Santidade, chamado assim por Klostermann (apud Sellin; Fohrer, 1977, p.184.) em função do refrão “Sede santos, porque eu, Yhwh, vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2; 20,7.26; 21,8; 22,32), contém duas

ocorrências diretas sobre o tema da idolatria. Elas devem ser compreendidas a partir do pano de fundo do tema da santidade, pois é no sentimento de pertença a um Deus santo que a comunidade de fé precisa ter um culto e uma prática de vida condizentes com o agir divino.

Cholewinski aproxima Lv 19,3-4 de Dt 5 e Ex 20, vendo no texto do Código de Santidade uma intenção de imitar o Decálogo, interpretando-o para novos tempos e procurando completá-lo (1984, p. 80-81). Lemos em Lv 19,4: “*Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição. Eu sou o Senhor, vosso Deus*”. O v. fala de  $\text{עֲלִילִים}$  (*’élilim*) que significa ídolos, mas que já traz na sua carga semântica a condição de tais objetos. Ao dizer  $\text{עֲלִילִים}$  o autor os está chamando de “não existentes”, “fúteis”, “coisas de nada”. Essa é, por contraposição a YHWH, a condição dos ídolos; são como se não fossem. Como afirma Noth, o termo ídolo em contraste com YHWH que é tudo, o uno, é a declaração de nulidade daquilo que poderia atrair o olhar do israelita (1989, p. 176). Harrison diz que a sonoridade da palavra ídolos é semelhante à da palavra Deus, mas que as duas contrastam para demonstrar o vazio dos ídolos em relação a Deus (1983, p. 181).

Usa-se, também, o termo  $\text{מַסְעָא}$  (*massēkā*) que se aplica a todo objeto de fundição ou chapeado de metal; por metonímia é aplicado a ídolo, estátua (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 385). Noth afirma que proibição de imagens de metal fundido, apresentada em Lv 19,4 é idêntica à de Ex 34,17, apenas transposta para o plural (1989, p. 176). Parece possível então afirmar que o Código de Santidade realmente resgata o tema do culto já presente no livro do Êxodo e agora relaciona a prescrição não ao ciúme ou zelo de Deus para com seu povo, mas sim ao próprio ser de Deus, ou ao seu atributo específico que é a santidade.

A santidade não é um atributo abstrato relacionado a YHWH. Trata-se de uma postura de vida que se prolonga sobre aqueles que nele crêem. É ainda um sentimento de pertença a Deus, é o ser marcado por ele e, por isso, a necessidade de se procurar buscar a semelhança com esse Deus. Distingue-se, no texto de Levítico, a compreensão de que o ser humano é imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27). É essa imagem divina, presente no coração do humano, que deve despertá-lo para agir de acordo com a misericórdia própria de Deus. Todo agir incompatível com o ser de Deus naturalmente corrói a imagem divina presente no coração humano. O ser humano deve refletir na vida o agir de Deus: santo, misericordioso, justo, protetor, providente.

A insistência de Lv 19,4 parece concentrar-se no perigo de se colocar a confiança em imagens que não têm nenhum tipo de força, quando tal confiança deveria ser depositada em Deus e em seu povo que é constituído à sua imagem. Além disso, parece implícito o critério de que se, em algum momento, é feito algo que fere o humano e sua dignidade, automaticamente, fere-se a imagem de Deus presente no humano e a santidade do próprio Deus. O que diz respeito a Deus, imediatamente, diz respeito ao humano e vice-versa.

A santidade do povo começa a ser expressa pela rejeição a toda forma de idolatria que não se coaduna com a proposta e o agir de Deus. Não cultuar outros deuses é buscar ao máximo a semelhança com o único e verdadeiro Deus, YHWH, o santo. Observe-se que a prescrição de 19,4 é precedida pelas prescrições de santidade (v.2), de honrar pai e mãe (v.3), e de respeitar o sábado (v.3). Talvez pudéssemos ler a proibição das imagens como um convite à santidade, um reconhecimento àqueles a quem Deus abençoou com os filhos e a constituição de um direito de liberdade e descanso diante do trabalho. Isso corrobora a idéia de que o ser santo não é uma questão meramente cultural normativa, mas sim um agir ético.

Em Lv 26,1 encontramos: “*Não fareis para vós outros ídolos, nem vos levantareis imagem de escultura nem coluna, nem poreis pedra com figuras na vossa terra, para vos inclinardes a ela; porque eu sou o SENHOR, vosso Deus*”. O termo novo aqui é *לְפָסֵל* (*pesel*) que significa estátua ou escultura de lenha ou pedra ligada à tentativa de se copiar qualquer criatura do céu, da terra e do mar (CHOLEWINSKI, 1984, p.79). O texto delimita de forma completa o objeto da lei, não permitindo nenhum subterfúgio ou alibi. Céu, terra e mar são moradas de Deus, moradas do homem e lugar das forças caóticas. Nenhuma criatura de nenhum dos três espaços pode ser representada. O texto tem seu contexto original no culto, onde durante uma festa era feita a leitura da lei (CHOLEWINSKI, 1984, p.181). Essa leitura visava a renovação da Aliança do povo com Deus. Longe de ser uma renovação em linha vertical, tal renovação era verificável pelas relações horizontais. Diferente das religiões circunvizinhas onde os astros, elementos da natureza, forças desconhecidas, eram tidos como divindades, a religião de Israel é a religião sem iconografia – anicônica - e não compactua com as atitudes das religiões ligadas às divindades naturais, que não valorizam o humano como imagem de Deus.

Por fim, note-se que o ser humano não deve fabricar esculturas ou imagens, pois não lhes pode dar vida, diferente de Deus, que ao falar, já traz à

existência os seres e realidades desejadas. O esforço humano contrasta com a força da palavra de YHWH. Além disso, enquanto ser vivificado por Deus, o humano só pode passar vida a seus filhos, mas não ao objeto de suas mãos. Os filhos, por sua vez, são sempre uma bênção de Deus. Ao tratar de Lv 18, Beauchamp fala do amor originante de Deus e sua relação com o humano: “por isso este amor funda a paternidade divina e quer a paternidade humana ‘à sua imagem’”. (2003, p.69).

## 2 IDOLATRIA E ÉTICA NA TRADIÇÃO PROFÉTICA

O tema da idolatria é vastamente abordado pelos profetas e foi compreendido como uma das causas dos castigos impostos por Deus ao seu povo. Tomamos aqui as passagens onde aparece a questão da fabricação dos ídolos e do seu uso enquanto sinal claro de infidelidade a YHWH. Dois profetas nos ajudam nesse caminho: Jeremias e o Dêutero-Isaías<sup>7</sup>. Apontam para semelhanças entre si na busca de uma purificação da religião e uma melhor compreensão das exigências implícitas na aliança do povo com Deus.

O tema da ética é sobejamente tratado pelos profetas, constituindo tal tradição a mais evidente no que diz respeito à relação da ética com a teologia. A teologia bíblica que se verifica é profundamente marcada pela preocupação com o caráter prático de coerência com os princípios divinos de um Deus que jamais aceita a injustiça. Uma das formas de se evitar a injustiça é não aceitar a idolatria.

### 2.1 – A CRÍTICA AO USO DE IMAGENS EM JEREMIAS

#### 2.1.1 – JR 2,26-28: ONDE ESTÃO VOSSOS DEUSES?

O trecho de Jr 2,1-4,4 tem a forma de um pleito onde a parte ofendida, no caso YHWH, propõe a conversão do ofensor, o seu povo. A estrutura do trecho tem características de um ato penitencial onde se recorda a quebra da aliança e a infidelidade<sup>8</sup>. Nesse contexto, se encontram os vv.26-28, onde YHWH questiona o porquê de se apegar a outros deuses e cultuar suas imagens.

<sup>7</sup> Não tomamos o texto de Bc 6, embora trate da questão da idolatria, devido às semelhanças com os textos analisados de Jr e do Dt-Is.

<sup>8</sup> Ver ALONSO SCHÖKEL a Jr 2,1-4,4. In: BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

O v.26 compara o julgamento iminente de Deus e o constrangimento dos líderes de Judá, responsáveis pela crise ética do país, com o ladrão que é surpreendido em flagrante (HARRISON, 1980, p.49). Quem são os interlocutores desse julgamento? O texto menciona os reis, príncipes, sacerdotes e profetas. Jeremias delimita de tal forma o grupo que ofendeu a YHWH que não há dúvidas de que a eles se dirige a profecia. Jeremias experimentou muitos conflitos com as instituições monárquica e religiosa, de modo particular com os falsos profetas.

Qual o pecado cometido por aqueles a quem Jeremias se dirige? Jeremias mostra o quanto foi ofensiva a atitude dos governantes ao abandonar o verdadeiro Deus e confiar nas forças humanas e nos ídolos. O sarcasmo evidencia a gravidade da ofensa. O v. 27 afirma que invocaram um pedaço de madeira como se fosse o Deus da vida. A monarquia não era simplesmente uma instância política, mas sim o lugar onde a presença de Deus deveria ser experimentada. Assim, reconhecendo Deus como seu pai, o governante deveria contribuir para que o povo vivesse na dignidade. O rei nunca é isento de críticas, ele é diligentemente acompanhado pelos verdadeiros profetas que conhecem bem o perigo do poder e do extravio da função monárquica. Somente YHWH é o Deus que dá vida e somente ele é pai. Quem se alia com os ídolos coaduna-se com a morte e a prática da injustiça.

Na segunda parte do v.27, YHWH lembra que a adoração aos ídolos fez com que proclamassem que uma pedra era a mãe de Judá. O paralelismo é perfeito, pois YHWH era chamado de rocha protetora e de segurança (Dt 32,4.15.18.30-31; 1Sm 2,2; 2Sm 22,45; 23,3; Sl 19,14; 28,1; 31,2-3 etc). A condição do ofensor é agravada pelo fato de saber que só Deus é sua rocha de salvação e, apesar disso, prostrar-se diante de outras divindades. Tomando-se mais uma vez a afirmação do Sl 115,8 (//Sl 135,18) de que os adoradores de ídolos tornam-se como eles, podemos afirmar que “pau e pedra” são sinônimos daquilo que os governantes e o povo de Judá se tornaram. Não cuidam mais do direito e da justiça, pois adoram ídolos que não conhecem esses valores, tornaram-se insensíveis (ROSSI, 2002, p.23).

O v.27c mostra qual a postura dos líderes de Judá quando se voltam para outros deuses: estão de costas para YHWH. Estar “face a face” é estar em comunhão, é deixar-se conhecer, julgar e amar; é permitir-se salvar (Gn 32,30; Ex 33,11; Nm 14,14; Dt 5,4; 34,10; Jz 6,22; Ez 20,35). Virar as costas é renegar o próprio Deus. A expressão aparece ainda em Jr 32,33 e invertem-

do-se o sujeito em Jr 18,17, quando é YHWH quem ameaça virar as costas para o povo. O final do v.27 mostra como, tendo perdido o entendimento e ofendido a YHWH, ainda ousam recorrer a ele nos momentos difíceis. Para o leitor acostumado com os textos da Escritura, vem à mente Dt 32,37 e Jz 10,14, onde se sugere recorrer aos outros deuses nas tribulações, já que nos momentos de paz e tranqüilidade eles foram venerados.

O início do v.28 questiona onde estão os deuses construídos por Judá, continuando a tensão do v.27. Mais uma vez sugere que recorram a eles e afirma que há uma multiplicidade de deuses, tão grande quanto o número de cidades de Judá. Jeremias deixa claro que a apostasia e tudo que a ela se relaciona (injustiça, violência, maldade, falta de entendimento) formam o motivo do castigo que, em breve, virá sobre Judá, conduzindo para o desterro aqueles que outrora receberam uma terra por herança. Ironicamente Jeremias mostra como nas calamidades as pessoas acabam por reconhecer o verdadeiro Deus, mas isso somente não basta, pois faz-se necessária a conversão que implicará mudança radical de vida.

### 2.1.2 JR 10,1-16: ESPANTALHOS EM CAMPOS DE PEPINOS

O trecho em questão pode ser situado na primeira ou segunda deportação para a Babilônia, tendo como questão central o tema da confiança em Deus como Senhor absoluto da história e a rejeição aos ídolos por mais atraentes que pudessem parecer. Numa sociedade em que as guerras e disputas territoriais estavam também associadas à vivência religiosa, poderia parecer que o deus babilônico fosse mais forte que YHWH. Desta forma o profeta quer salvaguardar o senhorio de YHWH e mais uma vez mostrar o perigo da apostasia. Se, em Jr 2,26-28, indicou como a idolatria foi um dos motivos para o castigo, agora fará um discurso de consolação em que espera despertar novamente a esperança em YHWH e no seu agir divino (ROSSI, 2002, p.47).

O texto é bem organizado internamente não permitindo fazer divisões sem romper o ritmo apaixonado da exortação. Os versículos iniciais dão conta da falsidade dos ritos pagãos e reconhece que poderiam amedrontar os deportados. Diante disso, o profeta afirma a supremacia de YHWH como o “rei das nações” (v.7). A crítica mordaz feita aos ídolos e seus adoradores ridiculariza a condição de inércia de tais supostos deuses (v.5), embora reconheça que há na Babilônia um aparato religioso bem organizado e atraente (v.3-4. 8-9).

Como um refrão a ser memorizado o profeta vai alternando falas acerca do poder de YHWH, ressaltando: a grandeza, poder e fama de YHWH (v.6); seu senhorio e sabedoria (v.7); a autenticidade, a vida, a força e a ira de YHWH (v.10); seu agir criador e ordenador do universo (vv.11-13); ele é o Senhor dos exércitos (v.16). A lembrança dos atributos divinos contrasta justamente com a imagem e propaganda enganosa feita pelos babilônios acerca de seus deuses: culto aos deuses astrais; Ba'al como um senhor todo poderoso e ameaçador, ordenador do universo.

Os ídolos, segundo Jeremias, não passam de espantalhos que assustam, mas que não têm poder algum, pois são obras humanas. (HARRISON, 1980, p.74). São limitados e carecem inclusive de cuidados humanos para serem deslocados. Com YHWH é diferente. Ele é quem cuida do seu povo e o assiste, sendo fiel à sua palavra e sua aliança. Qual a saída diante disso? Só resta ao povo arrepender-se, renovar sua confiança no Deus verdadeiro e aguardar seu agir salvífico.

Jeremias cumpriu sua missão... chegará a hora de outro profeta anunciar a boa-nova.

## 2.2 A CRÍTICA AO USO DE IMAGENS NO DÊUTERO-ISAÍAS

Ao povo exilado na Babilônia dirige-se a voz do profeta anônimo, o Dêutero-Isaías como o chamamos, anunciando uma salvação que, em breve, ocorrerá e que é sinal vivo do amor de Deus para com a nação escolhida. Num território estrangeiro, longe das tradições culturais de Jerusalém e constantemente ameaçado pelos atrativos religiosos do exílio, o povo de Deus é convidado a abdicar toda forma de infidelidade e a refazer um caminho de volta às suas tradições. Esse resgate da fidelidade motivará o retorno a Jerusalém para servir a Deus. (BEAUCAMP, 1991, p.11). O Dêutero-Isaías é escrito no período imediatamente anterior à conquista do império babilônico por Ciro, por volta de 550-540 aC. (EATON, 2000, p.139).

### 2.2.1 – IS 40,18-25: A QUEM ASSEMELHAREIS DEUS?

O Dêutero-Isaías é um profeta que apresenta uma boa-nova aos exilados na Babilônia, mas que tem consciência da fascinação que os cultos suntuosos daquelas festas pagãs poderia despertar no seu povo, levando-o até mesmo a pensar que YHWH já seria um deus superado por Marduk (STEINMANN, 1976, p. 106). É nesse contexto que um grande hino ao poder de YHWH é apresentado (Is 40,12-26).

A primeira perícopé que tomamos é Is 40,18-25. O texto delimita-se naturalmente com a questão da possível comparação de YHWH com outros deuses (vv.18,25). Em Is 40,18 encontramos uma pergunta retórica no contexto da promessa de libertação feita a Israel: *“A quem assemelhareis Deus? E que simulacro instalareis ao seu lado?”* A pergunta tem por finalidade confrontar o agir de Deus com a ineficácia dos ídolos que sequer têm movimento e tiveram sua origem não de Deus, mas das mãos humanas. Diante de tal pergunta foi feita a inserção dos vv.19-20, pois é evidente que cortam a seqüência entre o v.18 e o v.21s (SEVERINO CROATO, 1998, p. 39).

O v.19 fala daqueles que tendo poder aquisitivo encomendam imagens fundidas em ouro e prata. Curiosamente, desperdiçam tal riqueza em um objeto inútil e transferem para fora de si a autonomia e a direção da própria vida. Ouro e prata poderiam ser utilizados para a partilha e para a prática da justiça que salva e liberta; no entanto, são empregados equivocadamente com aquilo que não tem poder algum para salvar.

Mas a idolatria não se restringia às classes abastadas. Fazia-se presente também nos meios populares e o profeta os critica (v.20). O empobrecido toma um pedaço de madeira e pede a um artesão que faça um ídolo que não vacile. A ironia profética mostra a incapacidade do ídolo de se sustentar e se equilibrar; são coisas sem base segura, que contrastam com YHWH que é rocha firme e inabalável (Dt 32,4.15.18.30-31; 1Sm 2,2; 2Sm 22,45; 23,3; Sl 19,14; 28,1; 31,2-3 etc).

A instabilidade do ídolo é metáfora apropriada para mostrar sua incapacidade de salvar quem quer que seja, pois não tem domínio sequer sobre si. Além disso, o profeta acaba por comparar o quanto YHWH é estável no seu amor para com o povo (Is 54,10). YHWH é Deus que não pode ser apreendido em imagens, mas, apesar desse preceito, seu povo caiu na tentação de se apegar a outros deuses, colocando quem os liberta em pé de igualdade com aqueles que oprimem (RIDDERBOS, 1995, p.322).

Os vv. 21-24 recordam que é inútil confiar nos ídolos, mesmo quando aparentam ter algum poder na terra – caso do poder político legitimado pela idolatria –, pois quem se assenta sobre a terra, morando na abóboda dos céus é YHWH. De lá olha os seres humanos e estes são tão pequenos que se assemelham a insetos (v.22). Já que os governantes da terra e os juízes, duas instâncias que deveriam zelar pela prática da justiça, se corromperam, o castigo que advirá sobre eles será o de se tornarem semelhantes aos ídolos que divulgam (v.23). (RIDDERBOS, 1995, p.323).

Ressoa no texto a imagem do YHWH Criador, aquele que do caos constituiu e ordenou todas as coisas e que agora vê sua terra e seu povo sendo usurpados. YHWH fará voltar ao nada aqueles que traíram o seu amor. Somente YHWH deve reinar e nenhum outro deus pode ocupar o seu lugar. Vale lembrar que, no mundo babilônico, Marduk é a divindade responsável pela criação, sendo ele quem ordenou o mundo astral onde vivem as deidades como o Sol, a Lua e Vênus. O v. 22 é uma oposição direta ao poder que é atribuído a Marduk. (SEVERINO CROATTO, 1998, p. 40-41)<sup>9</sup>.

Em Is 40,25 encontramos mais uma vez a pergunta retórica e agora sem o elemento comparativo dos ídolos, mas com a afirmação de que é o próprio Santo quem questiona. Conclusão: YHWH é incomparável em seu agir e em seu santo amor para com seu povo. Proclama-se, portanto a soberania de YHWH em face a qualquer coisa criada. Vigora no texto o tema da Aliança, da pertença do povo a Deus e da certeza de que Deus jamais o desampara. Todo o c.40 de Isaías reforça a idéia de YHWH como libertador, fiel no amor, mas que pede em resposta uma exclusividade religiosa (MAYORAL, 1998, p.50). Steinmann diz que o vocabulário utilizado para defender o monoteísmo em Is 40,12-26 tem características filosóficas e demonstra um alto grau de abstração do profeta que parte de realidades muito concretas da natureza para propor os seus argumentos (1976, p.110-111).

### 2.2.2 – IS 41,6-7: YHWH É DEUS ONIPOTENTE!

A menção aos ídolos, em Is 41,6-7<sup>10</sup>, está dentro de um contexto (Is 41,1-20) em que se trata da comparação da força de YHWH e o amor que concede ao seu povo, por um lado, e, de outro, a confiança que agora o povo deposita nos ídolos. O discurso é bastante direcionado ao povo de Deus e não aos pagãos, sinalizando o quanto a atração dos ídolos conquistou adeptos entre os exilados (SEVERINO CROATO, 1998, p.53). Mais uma vez a ironia do profeta mostra a vulnerabilidade dos ídolos. Crítica o incentivo popular a se confiar nos ídolos (v.6), contrariando o princípio de se pedir apoio somente a YHWH. O “*não temas*” da parte de Deus será uma resposta ao temor de Israel e, ao mesmo tempo, a definição do lugar onde encontrará socorro (v.13s).

A expressão “*está boa*” do v.7, que se refere à coisa soldada, remete o leitor à expressão קִי־טוֹב (*qi tôv*) presente no início da criação como um refrão

<sup>9</sup> Ver também: STEINMANN, 1976, p.107.

<sup>10</sup> Severino Croatto (1998, p.52) considera como intercalados os vv.6-7 de Is 41. Apesar dessa consideração é digno de nota que o redator final foi muito bem sucedido nessa interpolação, pois no contexto ela é bastante cabível.

que se segue à obra realizada (Gn 1,4.10.12.18.21.25.31). O problema é que a obra idólatra só está boa aos olhos de quem a constrói e dela tira seu lucro, por isso será devolvida ao nada.

O autor ainda apresenta a cadeia de fabricação dos ídolos – cinzelador – modelador – polidor – fundidor (v.7). Um reforça o trabalho do outro. No entanto, apesar de todo o aparato técnico necessário, o ídolo construído necessita de um prego para não cair. É uma cena sarcástica. A imagem simbólica de um deus que fica dependurado, dependente de um cuidado humano, contrasta radicalmente com a onipotência divina atribuída a YHWH. Funciona também como metáfora da condição humana que, na sua fragilidade, acaba se transformando em mera marionete nas mãos dos ídolos, ao se colocar em adoração diante de um ser que nada pode. O humano dependente de ídolos perde sua mobilidade e a eles pouco a pouco se assemelha. A estupidez é tamanha se comparada com o agir de YHWH que liberta e quer a liberdade humana. O texto é marcado por palavras de encorajamento a depositar a confiança somente em YHWH (v.8ss), o senhor da história, o qual, por ocasião do exílio, parecia ter sido esquecido pelo povo.

### 2.2.3 – IS 44,9-20: YHWH É O ÚNICO DEUS QUE SALVA

Is 44,9-20 enquadra-se num desafio lançado por YHWH aos falsos deuses (Is 44,6-23) acerca do poder salvífico. Novamente parece que os vv.9-20 são uma interpolação. O v.9 inicia afirmando a nulidade dos que modelam ídolos, permitindo uma aproximação com Is 43,1.21;44,2 onde o verbo modelar é usado para designar a relação de YHWH com Israel. As estatuetas não têm serventia alguma é o que o profeta denuncia. A construção poética da negativa utiliza justamente as sílabas do termo Ba'al, reforçando ainda mais a incapacidade daquelas pretensas divindades (SEVERINO CROATO, 1998, p.113). O final do v.9 fala de testemunhas cegas e desprovidas de conhecimento, ou seja, são testemunhas inaptas para o papel a que serão chamadas.

Nesse contexto, o profeta aponta para a exploração que existe por trás da manufatura de ídolos (v.10). O comércio de imagens e estatuetas das mais diversas divindades fazia-se presente na Babilônia, todavia no momento da derrota os ídolos não terão nenhuma utilidade (STEINMANN, 1976, p.147). A palavra do profeta insere-se numa luta por justiça, onde o trabalho não seja sinônimo de escravidão. Recusa uma sociedade de ídolos, pois estes são sinônimo de exploração, corrupção e morte (STORNILO, 1992, p.2). A fragilidade da idolatria reside também no fato de que o ídolo é objeto sem opinião e vontade

próprias, podendo ser comercializado como um escravo ou qualquer outro objeto. No entanto, o idólatra ignora isso e delega a este “ser inútil” (= ídolo) o direito de decidir sobre sua vida.

O autor ressalta ainda a condição humana, limitada e efêmera dos artesãos e sua incapacidade de dar vida à obra de suas mãos. O autor refere-se à fome e sede dos artesãos, não deixando nenhuma dúvida sobre a fragilidade daqueles que criam deuses (RIDDERBOS, 1995, p. 369). Os artesãos são muito distintos de YHWH. Deus tudo criou com energia e sem perder sua força. (Is 40,26).

Há um deboche em relação aos ídolos pelo fato de que são feitos a partir do resto de madeira que foi utilizada para funções mais nobres (v.14a fala de cedros, possivelmente utilizados em construções) ou de necessidade imediata (v. 15 fala da lenha para aquecimento e cozinha). As partes finais do v.14 demonstram a ignorância de quem confia em tais ídolos por não perceber que foi o próprio YHWH quem fez a árvore se desenvolver pelas chuvas que concedeu dos altos céus.

Os vv.16-20 dão continuidade à crítica da insensatez do artesão que permite que um pedaço de madeira governe sua vida. O idólatra é um cego e desprovido de entendimento, pois ao lidar com os ídolos acaba por esquecer que Deus é quem modelou Jacó/Israel e o constituiu para a vida e o resgata cuidadosamente nos momentos de sofrimento (vv.21-23). O culto aos ídolos mata o discernimento (STORNILO, 1992, p.5). Deus não se esquece do seu povo, mas exige também não ser trocado por uma coisa abjeta como são os ídolos. Storniolo encerra a reflexão sobre essa perícópe dizendo que “as pessoas são um espelho do seu deus. Se este for o Deus vivo, que gera liberdade e vida, eles terão liberdade e vida. Se, porém, for um deus morto, as pessoas terão escravidão e morte” (p.6).

#### 2.2.4 – IS 46,5-7: YHWH LIBERTA SEU POVO!

Ainda ligada ao tema do comércio está a passagem de Is 46,5-7. Nela se pergunta a quem se pode comparar YHWH (v.5), fazendo mais uma vez a pergunta retórica que terá resposta nos versículos seguintes. O auditório será lembrado de que YHWH é tão grande que não pode ser representado por uma imagem (RIDDERBOS, 1995, p.382). Critica o desperdício de ouro e de prata nas encomendas de imagens de ídolos (v.6), mostrando que a estupidez é tamanha a ponto de consumir economias em troca de uma falsa proteção, quando o que poderia proteger alguém seria a vivência dos ensinamentos de YHWH:

cuidar do direito e da justiça. Fala também da imobilidade dos ídolos (v.7), alertando para o fato de que além de serem inertes são surdos aos clamores de seus devotos.

YHWH é incomparável, pois o universo é sua casa e nele transita livremente. É senhor de seus próprios movimentos (Sl 24,1ss; 50,12; 89,11), enquanto os ídolos não têm liberdade e são transportados até por animais de carga (Is 46,1). O v.4 afirma que YHWH é quem conduz, sustenta, carrega e liberta Israel por todo o sempre. Essa cena ajuda a compor a contraposição com a situação dos ídolos. YHWH é o Deus que escuta os clamores de seu povo e o socorre (Ex 3,7).

## CONCLUSÃO

A leitura dos textos da tradições legal e profética evidenciou elementos para a compreensão do tema bíblico da idolatria:

- a) *O problema da idolatria é um problema ético*: num contexto social em que a religião determina as mais diversas relações, é impossível pensar o problema da idolatria como distinto da vida prática e cotidiana das pessoas. Sendo assim, toda a crítica legal ou profética aos ídolos é, ao mesmo tempo, crítica a todo sistema injusto, desleal, opressor. Aceitar os ídolos é aceitar o que com eles está associado e suas conseqüências que conduzem à morte.
- b) *A fé em YHWH comporta sempre uma conduta ética*: o Deus acreditado pelos israelitas não é um deus distante da vida, mas sim aquele que no Decálogo deixou evidente que a desobediência a qualquer preceito relacionado ao humano é sempre pecado contra o próprio Deus. Desta maneira, inversamente, podemos pensar também que todo pecado relacionado diretamente a Deus, seja uma forma errônea de concebê-lo ou um desvio quanto ao seu caráter, terá sempre conseqüências para a vida dos homens e mulheres.
- c) *YHWH é o Deus Criador, Libertador e Salvador*: as compreensões de Deus que acompanham a luta contra os ídolos são marcadas pela certeza de que é o Libertador. YHWH foi quem ouviu o povo opri-

mido, retirou-o da escravidão e não aceita nenhum tipo de sistema que escravize ou destrua a vida dos seus amados. O pacto de aliança tem por finalidade evitar qualquer tipo de exploração ou opressão. É também o YHWH Criador. Aquele que tudo governa, ordena e acompanha com sabedoria. É ainda o YHWH Salvador de força invencível que permite o castigo de seu povo para manifestar-lhe de maneira mais grandiosa sua misericórdia e ternura.

- d) *A idolatria permanece um problema atual*: o problema da idolatria foi uma constante na história de Israel. No cristianismo não parece ser diferente, pois com muita facilidade o Deus apresentado por Jesus é trocado por simulacros divinos, obra de mentes humanas, dissimulações de opressão e crueldade. Nenhum sistema religioso é fiel a Deus se permite a exploração ou a negação da dignidade do ser humano. Eis o critério último para se avaliar a consistência de uma religião. Critério respaldado pelo próprio Deus na pessoa de seu Filho Jesus.
- e) *A versatilidade dos ídolos exige discernimento constante*: com facilidade os ídolos podem se revestir de argumentos aparentemente sérios e verdadeiros. Por exemplo, a idéia de que Deus quer nossa felicidade pode dar margem a uma idolatria do sucesso, do lucro, inclusive respaldada por certa teologia da prosperidade. Independentemente do aspecto religioso, é necessário ainda discernir sobre outras realidades que podem dominar o ser humano, levando-o a desrespeitar o semelhante. A conviência com a injustiça social, a ideologia do sucesso como conquista, a insensibilidade para com os necessitados, a violência e outros atos de desrespeito à vida são provas de que existem falsos deuses sendo adorados tais como o egoísmo, o individualismo, o poder econômico e psicológico, a beleza, o prazer etc. Não estamos isentos de, a qualquer momento, nos defrontarmos com ídolos e termos a sensação de se parecerem mais agradáveis que o Deus bíblico. Nessas horas, o discernimento é necessário para saber onde depositar nossa confiança.

## REFERÊNCIAS

ALONSO SCHÖKEL, L... גרע. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

BEUCAMP, Évode. *Livre de la consolation d'Israel* : Is 40-55. Paris : Cerf, 1991 (Lire la Bible, 93).

BEAUCHAMP, Paul. *A Lei de Deus*: de uma montanha a outra. São Leopoldo: Unisinos, 2003 (Theologia Publica, 4).

BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

CHOLEWINSKI, Alfred. *Levitico 17-26*: Codice di Santità. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 1984 (ad uso degli udtori).

CHOURAQUI, André. *A Bíblia*: Palavras (Deuteronômio). Rio de Janeiro: Imago, 1997 (Bereshit).

EATON, John. *Misteriosos mensageiros*: curso de profecia hebraica. São Paulo: Loyola, 2000. p.139.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1982 (Nova coleção bíblica, 15).

GARCIA LOPEZ, Félix. *O Deuteronômio, uma lei pregada*. São Paulo: Paulinas, 1992 (Cadernos bíblicos, 53).

GOTTWALD, Norman K.. *As tribos de Iahweh*: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C. São Paulo: Paulinas, 1986.

HARRISON, Roland. K.. *Levítico*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983 (Cultura Bíblica, 3).

HARRISON, R. K.. *Jeremias e Lamentações*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980 (Cultura bíblica).

MAYORAL, Juan Antonio. O profetismo e o culto. In: SICRE, José Luis (org.). *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998 (Resenha bíblica).

NOTH, Martin. *Exodus*: a commentary. London: SCM Press, 1962.

\_\_\_\_\_. *Levitico*. Brescia: Paidcia, 1989 (Antico Testamento, 6).

PIXLEY, George V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Grande comentário bíblico).

REIMER, Harold. *Inefável e sem forma*. Goiânia: UCG/Oikos, 2009.

RENAUD, Bernard. *La théophanie du Sinai. Ex 19-24*. Paris: J. Gabalda, 1991 (Cahiers de la Revue Biblique, 30).

RENDTORFF, Rolf. *A “fórmula da aliança”*. São Paulo: Loyola, 2004 (Bíblica Loyola, 38).

RIDDERBOS, J.. *Isaias: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1995 (Cultura bíblica, 17).

RÖMER, Thomas. Moïse entre théologie et histoire. In : *Lumière & Vie*, Lyon, v.69, n.237, p.9-10, avr. 1998.

ROSSI, Luis A. S.. *Como ler o livro de Jeremias: profecia a serviço do povo*. São Paulo: Paulus, 2002 (Como ler a Bíblia).

SELLIN, E.; FOHRER, G.. *Introdução ao Antigo Testamento: livros históricos e códigos legais*. v.1. São Paulo: Paulinas, 1977 (Nova coleção bíblica, 5).

SEVERINO CROATTO, J.. *Isaias – A palavra profética e sua releitura hermenêutica: 40-55: A libertação é possível*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998 (Comentário bíblico – AT).

STEINMANN, J.. *O Livro da Consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976 (Estudos bíblicos, 8).

STORNILOLO, Ivo. Da “sobra” nasce a idolatria (Is 44,9-20). *Vida Pastoral*, São Paulo, n. 164, p.2-8, maio/jun. 1992.

*Recebido em 14/4/2011*

*Aprovado em 30/5/2011*